
A produção audiovisual sobre insuficiência cardíaca como prática extensionista¹

Giovana Gama da Cruz²

Ana Luiza Ramos Moretti Ferreira³

Amábili Gabrielli Gomes⁴

Nicole Ribas Ribeiro⁵

José Carlos Fernandes⁶

Elson Faxina⁷

Universidade Federal do Paraná - UFPR

Resumo

Este trabalho descreve um projeto de extensão desenvolvido pelo Núcleo de Comunicação e Educação Popular (NCEP), em colaboração com o setor de Cardiologia do Hospital de Clínicas da Universidade Federal do Paraná (UFPR). A iniciativa teve como base a necessidade de aprimorar a comunicação entre médicos e pacientes, visando expandir o entendimento dos pacientes sobre a patologia. A metodologia usada envolveu a coleta de entrevistas com pacientes e cuidadores, análise de hábitos midiáticos e a produção de roteiros em linguagem acessível. Como resultado, desenvolveu-se uma série de vídeos educativos, com participações dos médicos e extensionistas, onde o projeto demonstrou um fortalecimento do vínculo entre comunicação, saúde pública e sociedade.

Palavra-chave: audiovisual; extensão universitária; comunicação popular; insuficiência cardíaca; saúde pública.

Introdução

Este artigo tem como objetivo apresentar e analisar a experiência de produção audiovisual sobre insuficiência cardíaca como prática extensionista. Pretende-se evidenciar os impactos do projeto na comunicação com os pacientes e refletir sobre o potencial da linguagem audiovisual, no contexto da extensão universitária, como ferramenta de cuidado em saúde, cidadania e transformação social.

A insuficiência cardíaca (IC) é uma condição crônica caracterizada pela incapacidade do coração de bombear o sangue de forma eficiente, comprometendo a

¹ Trabalho apresentado na IJ07 – Comunicação e Cidadania, da Intercom Júnior – 21ª Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação, 3º semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Paraná – UFPR, email: giovana.cruz@ufpr.br.

³ Estudante de Graduação, 3º semestre do Curso de Relações Públicas da Universidade Federal do Paraná – UFPR, email: analuiza3@ufpr.br.

⁴ Estudante de Graduação, 3º semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Paraná – UFPR, email: amabiligomes@ufpr.br.

⁵ Estudante de Graduação, 3º semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Paraná – UFPR, email: nicoleribas@ufpr.br.

⁶ Orientador do trabalho e professor do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Paraná – UFPR, e-mail: zeca@ufpr.br.

⁷ Orientador do trabalho e professor do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Paraná – UFPR, e-mail: efaxina@ufpr.br.

oxigenação e a nutrição dos tecidos do corpo. De acordo com dados de 2023 do Hospital Israelita Albert Einstein, a doença afeta cerca de 2% da população adulta brasileira, sendo mais prevalente em pessoas acima dos 65 anos. Além de representar uma das principais causas de internações hospitalares no país, a IC demanda cuidados contínuos, uso disciplinado de medicamentos e mudanças significativas no estilo de vida dos pacientes.

Apesar da gravidade da condição, a compreensão da população sobre a insuficiência cardíaca ainda é abaixo do esperado, na maioria das vezes é dificultada por barreiras linguísticas, educacionais e pela forma como os conteúdos de saúde são tradicionalmente comunicados. Com base neste diagnóstico, surgiu a parceria entre um projeto de extensão do Núcleo de Comunicação e Educação Popular (NCEP), do Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Paraná, e o Hospital de Clínicas da UFPR, especificamente no setor de Cardiologia.

Contexto do projeto: NCEP e comunicação em saúde

O NCEP atua há mais de 20 anos com projetos baseados na comunicação popular, na educomunicação e na democratização da comunicação. O projeto de extensão surgiu do desejo de aplicar os conhecimentos acadêmicos em ações transformadoras voltadas às comunidades, especialmente as que necessitam de uma maior ampliação de vozes e visibilidade social.

Criado a partir da iniciativa de alunos do então curso de Comunicação Social – habilitações em Jornalismo, Relações Públicas e Publicidade e Propaganda –, o projeto teve como primeira coordenadora a professora Rosa Maria Cardoso Dalla Costa. Atualmente desenvolve mais de uma dezena de projetos junto a escolas, comunidades, coletivos e movimentos sociais.

A experiência do NCEP com saúde iniciou-se a partir da aproximação com o Grupo de Apoio para adesão ao uso de retrovirais (Reatar), projeto do Hospital de Clínicas. Essa iniciativa abriu caminho para que o projeto de extensão pudesse trabalhar com novos colabores no âmbito da saúde, ainda em parceria com o HC, agora no setor de Cardiologia.

A proposta se baseia nos princípios da educomunicação, que é, conforme Ismar de Oliveira Soares (2017), um conjunto de ações capazes de integrar os meios e produtos de comunicação às práticas educativas, em consonância com o exigido nos Parâmetros Curriculares Nacionais, assim como aquelas práticas desenvolvidas por movimentos

sociais e de igrejas. Trata-se de um processo de construção conjunta do conhecimento, baseada na escuta, no diálogo e na valorização dos conhecimentos locais (Freire, 1983).

O termo educomunicação começou a ser utilizado em meados dos anos de 1980, baseada no conceito de *Media Education*, que já circulava pela Europa. Com o sentido de “educação para a recepção crítica dos meios de comunicação”, o termo também foi utilizado por Mario Kaplún e por grupos e organizações latino-americanas. Nos países da América latina, as práticas educacionais tiveram maior expressão, especialmente no contexto dos movimentos de educação popular e comunicação alternativa, conforme Soares (2011, p. 36).

O conjunto de ações voltadas ao planejamento e implementação de práticas destinadas a criar e desenvolver ecossistemas comunicativos abertos e criativos em espaços educativos, garantindo, desta forma, crescentes possibilidades de expressão de todos os membros da comunidade educativa.

Ao fazer a abordagem sobre o conceito de educomunicação, constata-se a necessidade de compreender outro conceito que caminha ao lado: “ecossistema comunicativo”. Este termo é utilizado para descrever a conjuntura das relações entre pessoas no mesmo espaço, onde ações educacionais são realizadas. Como forma de fundamentar esses espaços, é papel do profissional educador promover ações inclusivas, democráticas, midiáticas e criativas. Esse ecossistema de comunicação e educação deve ser construído coletivamente, mediante práticas pedagógicas que valorizem o diálogo, a escuta ativa e a expressão crítica voltadas para a dialogicidade educacional para a formação crítica (Soares, 2011).

Para Almeida (2024), a educomunicação tem papel fundamental de fomentar espaços de expressão e acesso à informação, promovendo a conscientização sobre o papel da comunicação na construção de saberes. Além disso, as práticas educacionais propõem intervenções participativas e inovadoras, que respeitam os saberes dos sujeitos, atuando como estratégias de promoção de saúde e mobilização social (Soares; Viana; Ferreira, 2021).

A educomunicação e a área da saúde têm se aproximado a partir de perspectivas colaborativas e educativas. Práticas educacionais vêm sendo implementadas também em temas como meio ambiente e direitos humanos que, assim como a saúde, são de alta relevância social. Nessa lógica, comunicação e educação atuam juntas como

agentes catalisadores de transformação, fortalecendo a participação cidadã e o protagonismo comunitário (Soares; Viana; Ferreira, 2021; Peruzzo, 2013).

A parceria entre o NCEP e o HC reafirma o potencial da extensão universitária para atuar de maneira crítica e sensível nas políticas públicas. Sob essa perspectiva, a extensão se consolida como um espaço privilegiado de formação cidadã, ao promover a integração entre universidade e comunidade com base na solidariedade, na escuta ativa e no compromisso com a transformação social (Chagas, 2017).

Metodologia e ação comunicacional

A partir do primeiro contato com o médico cardiologista Miguel Morita, foram realizadas diversas reuniões para compreender a proposta de desenvolver um material educativo sobre a doença, voltado a informar os pacientes sobre a gravidade da doença e a importância do autocuidado contínuo. Houve uma tentativa anterior feita pelos próprios profissionais de saúde, sem sucesso, de usar animações, mas os pacientes relataram desconforto ao assisti-las em locais públicos, o que comprometeu a efetividade do material, logo essa abordagem foi descartada e a proposta precisava ser reformulada.

Neste sentido, como parte do processo metodológico foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 20 pessoas entre pacientes, que convivem com essa patologia, e também com seus familiares e cuidadores, para entender suas rotinas pessoais, assim como suas dificuldades no tratamento e necessidades de aperfeiçoamento da comunicação. Ao questionar sobre os meios de comunicação mais utilizados e seus interesses, constatou-se o uso das mídias digitais, de plataformas como *Tik Tok*, *WhatsApp*, *Instagram* e *Facebook*, com uma dinâmica de vídeos curtos. Os entrevistados não assistem a vídeos longos, alegando não prenderem tanta a atenção.

Ao perguntar sobre o entendimento da IC (insuficiência cardíaca), muitos afirmam que entendiam a dinâmica de medicação e a seriedade do tratamento, mas os cuidadores discordaram, dizendo que o tratamento não é seguido à risca pelas pessoas de quem cuidam, corroborando a afirmação do médico Miguel Morita, que relata a dificuldade de continuidade do tratamento.

Os extensionistas observaram também que as consultas – feitas no HC – são rápidas e são usados muitos termos técnicos pelos médicos, pouco compreendidos pelos pacientes que, pelo cansaço da espera e vergonha de revelar que não entenderam, acabam concordando com os médicos, sem muita ciência do que se trata.

Observadas essas questões comunicacionais e linguísticas, houve uma reunião com os parceiros – os médicos Miguel Morita, Juliana Karpinski e Fabiane Siqueira – quando foi decidido que os clipes deveriam ser adaptados ao formato *reels*, priorizando a linguagem direta, a interatividade e a clareza na transmissão das informações e possibilitando o compartilhamento pelas redes sociais, como uma forma divertida e criativa de expressar ideias, compartilhar momentos ou entreter essa comunidade.

A decisão foi pela criação de uma série de 15 vídeos curtos, formato *Reels*, cada um explicando um tema sobre a Insuficiência Cardíaca, tais como: o que é a insuficiência cardíaca, por que é importante compreendê-la, seus principais sintomas, causas e sinais de alerta, orientações sobre o uso de medicamentos como diuréticos, digoxina, betabloqueadores, inibidores da enzima conversora da angiotensina e bloqueadores dos receptores da angiotensina II. A seleção desses temas teve como base a escuta de profissionais da saúde e a vivência com os próprios pacientes, garantindo a relevância dos conteúdos e a efetividade da comunicação em saúde.

Por serem destinados à veiculação por redes digitais, decidiu-se que os vídeos poderiam ter até 90 segundos de duração e contarem com diversas ferramentas de edição, com efeitos visuais e sonoros. Para facilitar a gravação, optou-se pelo uso de um fundo, mas para ser chegar a este formato e decisões narrativas, tornou-se necessário ao grupo extensionista aprofundar seu conhecimento em audiovisual.

Audiovisual e Saúde: Fundamentos e Estratégias

O audiovisual tornou-se parte do cotidiano da sociedade com o avanço das tecnologias e da internet. Nas últimas década, os novos meios de comunicação foram se popularizando, tornando-se um fenômeno entre o público e chegando também até as classes populares. Com isso, várias instituições – como Organizações não-governamentais (ONGs), grupos militantes e escolas – passaram a utilizar desses meios para formar, mobilizar e ensinar principalmente por meio do audiovisual, ampliando seu uso e trazendo para os debates sociais temas relevantes, que antes eram restritos a espaços específicos (Aderaldo, 2017, p. 74).

Com o crescimento do consumo de conteúdo, o termo audiovisual passou a ser usado de maneira mais genérica, referindo-se à junção entre imagem e som. Contudo, a expressão é mais complexa. Segundo Amaral (2006), o audiovisual é uma linguagem que envolve a audição, visão e interação, considerados os sentidos essenciais para o processo

de aprendizagem e comunicação. Portanto, a linguagem audiovisual propõe que o receptor receba as informações a partir de um conjunto de elementos, sendo uma forma de comunicação que prende o telespectador ao material e que garante que a informação seja transmitida com mais interação e completude.

Apesar de sua crescente presença nos meios digitais, a linguagem audiovisual não é um fenômeno recente. Desde os primeiros registros da cinematografia, no período dos irmãos Lumière, ela tem sido utilizada como uma forma de expressão mista de comunicação. Como aponta Carrière (1994 apud Sá; Freire, 2024), o sentido da linguagem audiovisual surge a partir da montagem dos filmes. Assim, desde seu início, o audiovisual não se resume à produção técnica, mas exige a criação de sentidos que dialoguem com o público, por meio da linguagem verbal e da não verbal, que podemos resumi-la na imagem e na sonorização. Isso é consolidado através da utilização dessas linguagens de forma estratégica e da construção de significados que garantem o cumprimento do propósito principal do audiovisual que nos interessa aqui: informar.

Considerando o trabalho de Rojo e Moura (2019), a linguagem audiovisual pode ser entendida como multissemiótica e multimodal, pois permite semioses (i.e., produção de sentidos), viabilizando a compreensão por meio da identificação dos efeitos de sentido produzidos pela utilização dos recursos visuais associados ao texto verbal (Sá; Freire, 2024, p. 10).

A importância do audiovisual na comunicação está justamente em sua capacidade de conectar pessoas separadas pelo tempo e espaço. Por ser uma linguagem interdisciplinar, o audiovisual favorece a transmissão de informações de maneira mais eficiente e oferece ao receptor a possibilidade de interação. Ou seja, a proposta do audiovisual é romper com a comunicação estática e habitual, promovendo uma troca dinâmica e mutável entre grupos diferentes. Como afirma Basso e Amaral (2006, p. 63), “o receptor é convidado a participar ativamente do processo comunicativo, atribuindo sentido às mensagens por meio de sua interpretação e intervenção”.

Nos últimos anos, a acessibilidade tecnológica ampliou significativamente a produção e o consumo de conteúdos audiovisuais. As novas ferramentas e aplicativos permitem que as pessoas – mesmo pessoas em situação de vulnerabilidade econômica – possam criar vídeos e publicá-los. Um exemplo disso é o formato de vídeo *reels* – atualização incorporada ao Instagram em 2020 – que possibilita a gravação e edição de vídeos curtos e criativos na própria plataforma. O *reels*, por ser tecnicamente fácil de

produzir, ganhou muitos consumidores ao permitir a visualização de vários cliques em um curto tempo. Além disso, facilitou o surgimento de novos produtores de audiovisual, por não exigir o uso de equipamentos profissionais da cinematografia. Sobre a potência desse novo formato de vídeo, Souza (2024, p. 26) explica:

Sua capacidade de condensar histórias, conhecimentos e talentos em breves vídeos reflete a demanda crescente por conteúdo rápido, dinâmico e impactante. Como uma inovação na era das redes sociais, o *reel* cativa não apenas a Geração Z, mas pessoas de todas as idades, redefinindo a narrativa visual e estabelecendo um novo padrão de expressão criativa online.

Por isso mesmo, esse formato foi definido pelos extensionistas e parceiros como a melhor forma de estabelecer contato com pacientes, familiares e cuidadores, facilitando-lhes a compreensão dos procedimentos a serem seguidos a partir das orientações médicas.

Resultados

Tomada a decisão do que produzir e de posse do conhecimento sobre o audiovisual, chegou o momento de dar início à produção dos materiais audiovisuais. O primeiro roteiro – piloto – foi criado pelos extensionistas, buscando alinhar como seria o tom de voz dos vídeos, a partir de dois temas propostos pelos parceiros. O roteiro foi revisado pelos profissionais da saúde, um papel fundamental e colaborativo para finalizar cada roteiro.

A questão da linguagem foi um desafio para os extensionistas, onde exigiu-se “traduzir” termos técnicos e científicos da medicina para uma linguagem popular e de fácil compreensão por parte do público-alvo, pacientes do HC, exigiu muito diálogo entre extensionistas e médicos, até chegar em uma linguagem assertiva, de fácil compreensão e que respeitasse rigorosamente as orientações médicas. Sugerido pelos extensionistas, o médico se dispôs a ir gravar no estúdio de reportagem do Campus de Comunicação Social da UFPR, participando efetivamente de todos os processos, ocorrendo uma troca de saberes importantes para extensão universitária.



Foto 1: bastidores de gravação. Crédito: Giovana Gama

Seguindo a opção pelo uso do formato *Reels*, as gravações foram feitas com uma câmera profissional modelo *canon t7* disponibilizada pela UFPR com um microfone de lapela, na vertical e em linha com os hábitos midiáticos do público destinatário. O resultado obtido foi o esperado: a simplificação dos materiais e a dinâmica dos vídeos tornaram a série interessante e estimulante.

Conclusão e próximos passos

Em suma, o projeto está em fase de coleta de métricas de engajamento e foi solidificado por meio de pesquisas sobre a temática, aprofundando o nosso conhecimento sobre insuficiência cardíaca; troca com a comunidade, por meio de conversas com os pacientes e seus acompanhantes; realização das entrevistas; criação de um material acessível para a compreensão dos pacientes para efetuarem o autocuidado.

Inspirado nos princípios da extensão universitária, este trabalho busca fortalecer os vínculos entre universidade e comunidade, articulando ensino, pesquisa e práticas sociais em torno da comunicação popular e da saúde coletiva. A extensão não é uma via de mão única, mas uma troca de saberes (Gadotti, 2009) e é com base nessa perspectiva dialógica que a parceria entre os extensionistas e os médicos desenvolveu um material capaz de dar forma audiovisual às pesquisas nessa área.

A continuidade deste projeto prevê novas ações voltadas ao aperfeiçoamento e à ampliação do impacto das produções. Uma das metas é realizar avaliações sistemáticas com os pacientes e cuidadores para mensurar o nível de compreensão após o consumo dos vídeos, identificando aspectos a serem aprimorados na linguagem, formato e

abordagem. Há planejamento para aplicação e mensuração em ambiente clínico e digital, onde pretende-se expandir a distribuição dos materiais para outras plataformas digitais acessadas pelo público-alvo, como grupos de WhatsApp de saúde comunitária e canais institucionais da UFPR.

Referências

ADERALDO, Guilherme. **Linguagem audiovisual e insurgências populares**: reconstituindo uma experiência associativa entre jovens vídeo-ativistas nas “periferias” paulistanas. ILLUMINURAS, Porto Alegre, v. 18, n. 44, 2017. DOI: 10.22456/1984-1191.75734. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/75734>. Acesso em: 9 jun. 2025.

ALMEIDA, Ligia Beatriz Carvalho. **Projetos de intervenção em Educomunicação**. 2024.

BASSO, Ilda; AMARAL, Sergio Ferreira do. **Competências e habilidades no uso da linguagem audiovisual interativa sob enfoque educacional**. ETD, Campinas, v. 08, n. 01, p. 49-71, jul. 2006.

CHAGAS, Marco Antonio. **Extensão universitária e compromisso social**: desafios e perspectivas. São Paulo: Cortez, 2017.

DE OTTAWA, Carta. **Primeira conferência internacional sobre promoção da saúde**. Ottawa, novembro de, 1986.

FREIRE, M.M.; SÁ, CF de. **Linguagem audiovisual, multiletramentos e inovação**: possibilidades colaborativas para o ambiente escolar. O ESPECIALISTA, [S. l.], v. 3, pág. 4–21, 2024. DOI: 10.23925/2318-7115.2024v45i3e64158. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/esp/article/view/64158>. Acesso em: 8 jun. 2025.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 22. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GADOTTI, Moacir. **Extensão universitária**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2009.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Mas afinal, o que é educomunicação?**. Disponível em <http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/27.pdf>. Acesso em: 25 abril 2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

PERUZZO, C. M. K. **Comunicação Comunitária e Educação para a Cidadania**. Comunicação & Informação, Goiânia, Goiás, v. 2, n. 2, p. 205–228, 2013.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação**: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio. 2011.

SOARES, Ismar de Oliveira; VIANA, Claudemir Edson; FERREIRA, Irma Teresinha Rodrigues Neves. **Educomunicação nas políticas públicas de saúde no estado de São Paulo**: Projeto

Educom. Saúde-SP em tempos de COVID-19. BEPA-Boletim Epidemiológico Paulista, v. 18, n. 208, p. 22-31, 2021.

SOUZA, Antônio Carlos Santos. **Reel como estratégia de marketing digital**: um estudo de caso da empresa Century Imobiliária. São Cristóvão, 2024. Monografia (graduação em Publicidade e Propaganda) – Departamento de Comunicação Social, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2024